

# Uma imagem do homem na atualidade: o C1bOrgue<sup>1</sup>

No presente a mente, o corpo é diferente  
E o passado é uma roupa que não nos serve mais

**Belchior**

**Bruno Pereira Cavalcanti<sup>2</sup>**

**Resumo:** A antropologia contemporânea é caracterizada pela inversão ontológica da posição que o homem ocupava na modernidade. A centralidade e univocidade conceitual do ser humano são vistas agora em termos pluriversais, de modo que os vetores que garantiam a fixidez do seu lugar ontológico, agora o transpassam; ao invés de convergirem a ele, se movimentam em direção às diversas regiões do ser, permitindo seu acesso em diversos

---

<sup>1</sup> Trabalho produzido para publicação na revista Lampejo.

<sup>2</sup> Graduando em Filosofia - Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: cartola\_able@yahoo.com.br

sentidos. O conceito de humano perde sua primazia e o homem é pensado na atualidade do ponto de vista filosófico em função de determinadas imagens que se manifestam como próteses desse conceito. É dessa maneira que neste trabalho se pretende esboçar a imagem da construção em ruínas, e em processo, do homem como um c1borgue: um ser híbrido de máquina e organismo que se desmonta e remonta, que é desterritorializado, que já mudou tanto o lugar em que vive que agora tem que mudar a si mesmo para (sobre) viver nessa nova atmosfera. É remetendo-se a esse referencial teórico que pretendemos pensar essa imagem do homem em suas relações com as máquinas e com os outros a partir da matriz onde predomina à informação em fluxo entre os componentes, e onde o meio se apresenta como a própria mensagem. A cibernética possibilita interseccionar o homem e a máquina colocando-os em um mesmo horizonte: o da comunicação. Dessa relação surge no imaginário o c1borgue como o ser que se situa no nível pós-humano, superando dualismos de gênero, dualismo mente e corpo, ou pelo menos reconfigurando-os.

**Palavras-chave:** Organismo. Máquina. Pós-Humano.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Surgindo no presente, vindo de um lugar ulterior e ainda não conhecido (possivelmente o reino dos acontecimentos), numa noite escura e num ambiente sujo, no meio dos raios de descargas elétricas, entre máquinas, no subúrbio das cidades, despido de pudor, curvado e com um joelho abaixado ensaiando os movimentos de uma condecoração (ou de uma insurreição), semblante indiferente, o corpo e a postura de um titã, olhando a cidade, do alto: assim nos aparece o c1borgue. Não se sabe sua origem, nem gênese, é um aparecimento que causa surpresa, porém não nos espanta. Emerge, na metade do século XX, dos desejos delirantes da política, da ciência, da ficção, da insuficiência de um “ser humano” e do encantamento com o futuro. Talvez também das florestas mitológicas habitadas por sátiros, faunos e centauros, que nos seduzem para os benefícios da maravilha de ter o melhor de dois mundos vividos simultaneamente. Em suma: o c1borgue se apresenta a nós como a materialização de uma visão coletiva, de uma época tal que olhava pra si mesma e via as possibilidades que ainda restavam das restrições em seus modos de vida.

A tentativa de produzir o ser humano iniciada na modernidade, do qual o homem surgia do húmus e trazia uma fecundidade para enraizar nele mesmo uma árvore de saberes e virtudes únicas, agora se apresenta à filosofia recente de maneira insuficiente. A modernidade via tal projeto cristalizando-se numa moldura definitiva,

porém, certo ramo da filosofia atual tende a ver por esboços e não por molduras definitivas. Isso se deve ao já crescente, e ainda em curso, desenvolvimento das ciências em geral, na qual, o homem é tomado em sua variedade dimensional, em seus termos probabilísticos. Para falar com Lima Vaz:

As antropologias filosóficas contemporâneas preferem reconhecer a pluridimensionalidade dos sentidos que a experiência de seu próprio ser revela ao homem e procuram situar-se numa perspectiva que lhes pareça privilegiada para, a partir dela, construir um discurso englobante e coerente sobre a totalidade da experiência humana. Nesse caso não é a centralidade de um lugar único gerador de sentido (como o *lógikon* clássico ou o *Cogito* cartesiano), mas a pluralidade de lugares de sentido que permite igualmente a pluralidade dos discursos antropológicos.<sup>3</sup>

Depois de muito remexerem em suas terras, o homem, hoje, um ser geral e abstrato, logo quase vazio, se mostra agora com um novo tipo de húmus, e uma grande umidade.

O nosso interesse aqui será o de caricaturar algumas facetas que essa criatura parece assumir, procurando não a sua verdade última, ou sua identidade, mas circunscrevendo suas ações e atitudes possíveis. Existe aqui um tom, um incômodo que percorre a nossa tentativa de fotografar esse ser em movimento, que, do nosso ponto de vista, protagoniza um modo de vida emergente: o ciborgue como associação de máquina e organismo. Pretendemos sugerir uma imagem do ciborgue no sentido do acoplamento homem-máquina dentro da máquina, e não no sentido da difusão popular, principalmente cinematográfica, do homem com próteses e componentes metálicos, (ainda que não descartemos tal possibilidade e admitindo a importância do cinema como um importante referencial desse modo de vida se mencionássemos as grandes produções *sci-fi* do século XXI). O ciborgue é entendido aqui como um ser hodierno e atual do qual seus verbos são conjugados no presente e não no futuro. Não o entendemos como um ser catastrófico que causa uma viragem definitiva no clímax da peça tragicômica.

Em suma, pretendemos aqui esboçar a imagem do ciborgue em conexão com outras imagens que também se comunicam com ele para que possamos destravar outros modos operantes de batalha, explorar outros acoplamentos entre homens e máquinas.

---

<sup>3</sup> VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica**. 7. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. pg. 136

## 1. A MEIO CAMINHO ENTRE O MAQUÍNICO E O ORGÂNICO

A subjetividade humana é uma construção em ruínas, um edifício abandonado. A ciência ao longo da perda do referencial ontológico do “humano” - construído desde o início da modernidade - enquanto se desenvolvia foi mudando radicalmente o corpo humano, testando seus limites de tal forma que o conceito de alma, ou de essência humana se tornou frágil demais e teve de ser reconsiderado. Quando se cria os autômatos, as máquinas, e constructos do gênero e se percebe que elas desempenham funções análogas a da atividade humana, o homem se vê fragilizado perante tais criaturas, surgindo questões como as que nos sugere Donna Haraway:

onde termina o humano e onde começa a máquina? Ou, dada a ubiquidade das máquinas, a ordem não seria inversa? : onde termina a máquina e onde começa o humano? Ou ainda, dada a geral promiscuidade entre o ser humano e a máquina, não seria o caso de se considerar ambas as perguntas simplesmente sem sentido? Mais do que a metáfora, é a realidade do ciborgue, sua inegável presença em nosso meio (‘nosso?’), que põe em xeque a ontologia do humano. Ironicamente, a existência do ciborgue não nos intima a perguntar sobre a natureza das máquinas, mas muito mais perigosamente, sobre a natureza do humano, que somos nós?<sup>4</sup>

A noção de humano é co-fundida à máquina criada pelo próprio homem. A partir dessa relação, que se encontra cada vez mais esparsa, e cada vez mais “promíscua”, a subjetividade humana tende a ser repensada agora em seu deslocamento para os termos de uma imagem que deixe clarividente essa associação entre os compostos biológicos tão conhecidos por nós (o assim chamado homem cheio de significados), articulado com os aparelhamentos maquínicos produzidos nos últimos séculos.

É na metade do século XX, nos estudos de cibernética, que encontramos a ideia do ciborgue em processo de testes. O primeiro ciborgue foi um rato de laboratório desenvolvido a partir de um programa experimental no Hospital Estadual de Rockland, em Nova York, no fim dos anos cinquenta: “implantou-se no corpo do rato uma pequena bomba osmótica que injetava doses precisamente controladas de substâncias químicas que alteravam vários de seus parâmetros fisiológicos. Ele era em parte animal, em parte máquina” <sup>5</sup>. Manfred Clynes e Nathan Klyne em 1960 cunharam, então, o termo “ciborgue” “[cyborg] (abreviatura de ‘cybernetic organism’)

---

<sup>4</sup> HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari. TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. pg.10-11. Daqui em diante vamos nos referir a essa obra como “Antropologia do ciborgue”

<sup>5</sup> Antropologia do ciborgue, p.121.

para descrever o conceito de um homem melhor adaptado aos rigores da viagem espacial”<sup>6</sup>.

É preciso guardar o seguinte fato: o ciborgue é criado de uma misto de sonho militar e científico e de um delírio literário ficcional, na construção de um supersoldado, com uma grande missão dada pelos seus superiores: resistir. Desde então, o ciborgue tem habitado fortemente o imaginário científico e popular. Uma criatura na qual há “algo de monstruoso, à medida em que implica o derretimento das fronteiras entre humano e animal, entre gêneros, entre humano e maquínico, natural e artificial, mente e corpo, físico e não físico”<sup>7</sup>.

A cibernética foi uma ciência decisiva no processo do forjamento do ciborgue. Norbert Wiener (1918 – 1964) foi quem reuniu o conjunto de ideias sobre a teoria da transmissão de mensagens da engenharia elétrica e a designou de *Cibernética*, derivada da palavra grega *kybernetes*, que significa piloto, a mesma palavra grega designada para *timoneiro*. O trabalho de Wiener teve como foco o de aproximar o homem da máquina equiparando-os como dois dispositivos que funcionam num base comum de transmissão de mensagens, mais precisamente por este ter encontrado no mundo um padrão de vida que é regida pela informação e pelas mensagens. Uma das teses de seu livro “Cibernética e Sociedade: O uso humano de seres humanos” é a de que:

a sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades de comunicação que disponha; e de que, no futuro desenvolvimento dessas mensagens e facilidades de comunicação, as mensagens entre o homem e as máquinas, entre as máquinas e o homem, e entre a máquina e as máquinas, estão destinadas a desempenhar papel cada vez mais importante.<sup>8</sup>

Ao propor esta tese, Wiener dá um passo importantíssimo em direção agrupar em terreno comum os seres vivos e as máquinas, numa sincronização nada estranha. Mais que isso, propõe uma similitude entre ambas as partes: “o sistema nervoso e a máquina automática são, pois, fundamentalmente semelhantes ao constituírem ambos, aparelhos que tomam decisões com base em decisões feitas no passado”<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Antropologia do ciborgue, p. 121.

<sup>7</sup> FELINTO, Erick. SANTAELLA, Lucia. **O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo**. 1. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2012. Pg.30. Daqui em diante vamos nos referir a essa obra como: “O explorador de abismos”.

<sup>8</sup> WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade: O uso humano de seres humanos**. 3.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1954. pg. 16. Daqui em diante vamos nos referir a essa obra como “Cibernética e Sociedade”.

<sup>9</sup> Cibernética e Sociedade, pg. 34.

As ideias de Wiener deixaram um séquito de pessoas prontificadas a concretizar seu sonho de elaborar uma ciência da comunicação e do controle. O melhoramento do corpo, se acreditava, poderia ser feito por meio do melhoramento dos sistemas de estímulo-resposta, ou então por meio de conexão com outros seres. Porém, as pesquisas não avançaram muito devido à descoberta de uma incongruência entre os mecanismos de controle dos animais e das máquinas. Apesar disso, a cibernética legou à posterioridade duas profundas influências: primeiro, a visão do mundo como uma coleção de redes, o que possibilitou o avanço da Internet; segundo, de que não existe uma distinção tão clara entre animais e máquinas, entre o orgânico e o maquínico. Wiener ainda nos fala:

Modificamos tão radicalmente nosso meio ambiente que devemos agora modificar-nos a nós mesmos para poder viver nesse novo meio ambiente. Não podemos viver no antigo. O progresso não só impõe novas possibilidades para o futuro como também novas restrições <sup>10</sup>

O imaginário que popularmente se têm dos ciborgues é povoado por seres híbridos com próteses de metal em seu corpo, às vezes com superforça, e com seu sistema biológico em funcionamento com um sistema automático, numa relação de estímulo-resposta. O surgimento desse novo modo de vida no imaginário, e aos poucos na realidade, tem sua importância no fato de que é através desse conjunto de imagens que se pretende construir um mapa com novas territorialidades entre o humano e o animal, o orgânico e a máquina, o físico e o não físico. Porém, tal imagem não se detém apenas no campo do futuramente possível, do virtual, no sentido de ainda ser feito: abrimos hoje mesmo, um caminho, um ródos, para que esse ser onírico do futuro com seus implantes caminhe entre nós, mas, também operamos uma espécie de versão análoga desse ciborgue ao criar redes – entendidas como a estruturação do ciberespaço: a figura do hacker, por exemplo, vem aqui iluminar a realidade do “ciborgue do futuro” na sua própria existência presente <sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Cibernética e Sociedade, pg. 46.

<sup>11</sup> Convém aqui mencionar, a título de ilustração, o filme de ficção científica “The Terminator” de 1984, do diretor americano James Cameron no qual é apresentada uma versão da temática do ciborgue. O ciborgue do filme, de esqueleto metálico recoberto por tecido vivo e inteligência artificial, de nome Cyberdyne Systems Model 101 - 800 Series Terminator (interpretado pelo ator Arnold Schwarzenegger) é transportado no tempo do ano de 2029 para a Los Angeles do dia 12 de maio de 1984 (o presente da época em que o filme foi lançado). Mas, o que chama mais a atenção e nos interessa mais é o texto inicial que abre o filme no qual é dito: “As máquinas erguem-se das cinzas do fogo nuclear. A guerra pra exterminar a humanidade durava décadas, mas a batalha final não seria no futuro. Seria decidida aqui no presente. Esta noite...”. Mencionamos isso aqui, para ratificar como pretendemos considerar o ciborgue no sentido do presente e de sua realidade em tal momento, e não apenas no campo das possibilidades.

As relações aqui apresentadas, apesar de não terem uma fronteira nítida – e podem ter? –, têm um território específico. Para ser mais pontual, tentamos até aqui sugerir a relação entre o humano e a máquina “dentro da máquina”, pela presente ubiquidade com que acontece, por exemplo, a relação do homem com o computador e as demais interfaces mediadoras com a internet. Pensar o ciborgue dentro do ciberespaço é pensar a esparsa relação que se apresenta a nós na contemporaneidade, ao andar pelas ruas e ver as pessoas com suas máquinas de bolso em uma profunda imersão. Pretendemos pensar não mais o “*cyborg*” apenas como um cibernético orgânico, mas o “*c1borgue*”, o em sua configuração cibernético-orgânica-algorítmica<sup>12</sup>.

## 2. O C1BoRGUE COMO CRIADOR DE REDES

Após ter apresentado minimamente o momento histórico e as condições do surgimento dos ciborgues e de suas primeiras estruturações buscaremos nesse segundo momento lançar luz na espécie análoga a do ciborgue com próteses (se assim podemos nomear, pois as palavras nos faltam e ele nos escapa) mencionada anteriormente, a saber, o c1borgue, mais precisamente em uma de suas facetas, a do *hacker*, com a sua principal atividade: criar redes.

A escritura desse ser, dessa espécie, deliberadamente grafada com “1” e “o” no lugar de “i” e “o”, respectivamente, é uma tentativa de nossa parte para subverter a formação do nome ciborgue a partir do processo de justaposição e aglomeração dos nomes “cybernetic” e “organism”, pensado por Klyne e Clynes. Colocar os números no lugar das letras na nomenclatura do ser aqui apresentado tem, de saída, três funções aqui: a primeira pretende indicar de maneira visual, o seu duplo caráter, deixando transparecer de início uma estranheza que não se estranha, causada por ele, pois apesar de ver números, os lemos imediatamente como letras, compreendendo o sentido que a palavra sugere; a segunda função é de mostrar a permeabilidade existente na relação homem-computador-internet de modo que queremos falar aqui dessa especificidade de ciborgue no sentido da junção homem-máquina “dentro” da

---

<sup>12</sup> Pensamos ser importante ainda, para demarcar um conjunto referencial, duas produções cinematográficas recentes que apresentam o tema por nós tratado de uma forma bastante elucidativa: “Her” de 2013 do diretor Spike Jonze; e “Transcendence” de 2014 do diretor Wally Pfister.

máquina, e mais precisamente no ciberespaço da internet<sup>13</sup>; e a terceira é o dispositivo de controle e significação que o “1” e o “0” tem na lógica computacional e na estruturação da internet como comandos que emitem sim/ não, falso/ verdadeiro, tudo/ nada, ligado/ desligado, ou seja, o c1borgue como ser que ao estruturar redes detém o aparato de controle para assegurar esses locais de trânsito de fluxos de dados.

Como sugerimos é em termos de umidade, permeabilidade, infiltração que pensamos aqui o c1borgue, e não nos termos do tão conhecido “húmus” característico da humanidade. Desse modo, evocamos aqui a categoria criada de *modernidade líquida*, criada por Zygmunt Bauman para situar a localidade do nosso c1borgue. Assim, segundo o próprio Bauman a modernidade líquida caracteriza-se pelo fato de que o “longo esforço parra acelerar a velocidade do movimento chegou a seu ‘limite natural’”<sup>14</sup>. Estamos no momento fluido da modernidade que se caracteriza por não fixar o espaço, nem prender o tempo, onde se rompe toda e qualquer barreira espaço-temporal. A modernidade inicia-se por separar o espaço e o tempo, antes percebido como intrínsecos e indistintos na experiência vivida; a pós-modernidade caracteriza-se pela colonização do espaço pelo tempo.

É nesse campo que podemos pensar o c1borgue: dentro do ciberespaço da internet. O ciborgue procurado pela cibernética é o homem com constructos maquinais acoplados a si, carregando-os pelas ruas, porém, antes de atingirmos a ubiquidade desse tipo de ser na experiência cotidiana, temos já na atualidade um tipo análogo de relação, em uma nova configuração: o homem funde-se à máquina para conquistar o ciberespaço, e “entra” no ciberespaço nessa condição, enquanto c1borgue. Porém, essa entrada no ciberespaço da internet não se dá somente de maneira virtual, e é preciso delimitar isso.

---

<sup>13</sup> Uma das linhas de pesquisa da cibernética que mais se desenvolveu foi a internet: a partir dos computadores, os primeiros aparelhos capazes de calcular e armazenar programas surgiram, primeiramente, nos Estados Unidos e na Inglaterra por volta de 1945. Após passarem aproximadamente quinze anos no poder de militares, o uso civil desses aparelhos disseminou-se nos anos 60. Desde então ocorreu um maior desenvolvimento da automação, barateamento dos aparelhos, e gradativamente um novo movimento sociocultural nascia no final dos anos 80 e início dos anos 90, originado por jovens profissionais e universitários americanos com consequências mundiais. Naturalmente, “diferentes redes de computadores que (...) se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial”. Surge desse processo uma estrutura que possibilita um novo meio de comunicação: o ciberespaço. Como Pierre Lévy sugere o termo “especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. Um fluxo de informação intangível provoca uma maior dissipação de eventos e de culturas diversas pondo em contato todos os seres que a esse espaço aderem. LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 1999. pg. 32.

<sup>14</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2001. pg.17-18.

A categoria do virtual, com que geralmente são analisados os domínios do ciberespaço, é estranhamente complicada, como se a internet não fosse exatamente real, com carga empírica “palpável”, ou como se ela existisse apenas enquanto possibilidade de viver outra vida mais fecunda dada as condições com que ela se apresenta enquanto divertimento. Por isso, trazemos aqui um modo novo de olhar essa disposição. E para tanto usufruímos da noção elaborada por Peter Sunde, um dos criadores do maior site de livre compartilhamento de arquivos na internet: *The Pirate Bay*. Em uma audiência realizada para dar esclarecimentos à justiça sobre a pirataria que seu site supostamente realizaria nos domínios da propriedade intelectual de grandes empresas midiáticas e sobre as relações que mantinha com seus amigos programadores, Sunde é perguntado de que maneira conheceu seus parceiros, se “in real life” (na vida real) ou virtualmente, na internet. Ele responde que os conheceu na internet, e justifica o porque que eles não utilizam o termo “in real life” em oposição à internet e diz: “Nós não gostamos dessa expressão (IRL - In Real Life - Na vida Real). Nós falamos AFK - Away From Keyboard (Ausente do teclado). Nós achamos que a internet é real”<sup>15</sup>.

É esclarecedor como tal noção derrete a polaridade “real-virtual” na qual o debate é geralmente posto, e a internet é entendida por quem a programa e a produz em termos de realidade e não como dissociada, tomada a parte, sobreposta, ou subjacente, ou apenas possível, ou simplesmente como um lugar de divertimento. A relação da internet com o nosso substrato orgânico, assim chamado corpo, se dá quando estamos ou não associado, intervindo ou operando nesta. Não há apenas uma sobreposição da internet sobre realidade, criando uma virtualidade, ou espaço de jogo das possibilidades, mas ambas são tratadas do ponto de vista da própria realidade por quem a cria. O nosso ciborgue se mostra a nós, agora, mais real do que virtual, e mais *online* num mundo de vitalidade do que *offline* deste. Para falar com Donna Haraway o ciborgue “é um tipo de eu-pessoal e coletivo-pós-moderno, um eu desmontado e remontado”<sup>16</sup>.

Podemos ainda lançar mão de outro argumento em favor dessa presença do ciborgue no mundo do real. Julian Assange, um ciberativista australiano, em seu livro “*Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*” nos lança um chamado à guerra cibernética em curso, travada na Internet. Como ele mesmo diz na introdução:

---

<sup>15</sup> KLOSE, Simon. KÖHNCKE, Anne. PERSSON, Martin. SØRENSEN, S. B. **The Pirate Bay: Away From Keyboard**. [Filme-Vídeo]. Produção de Martin Persson, Simon Klose, Signe Byrge Sørenssen, Anne Köhncke, direção de Simon Klose. Suécia, 2013. Arquivo em MKV, 82 min. Cor. Som.

<sup>16</sup> Antropologia do ciborgue, p. 63-64.

“Este livro não é um manifesto. Não há tempo para isso. Este livro é um alerta.”<sup>17</sup>. Dentre vários aspectos, Assange tenta nos alertar sobre a internet como um grande sistema de vigilância e controle dado a sua grande militarização<sup>18</sup>, e sobre como a internet pode se tornar uma arma de dominação, ou de libertação. E faz isso do ponto de vista de quem interfere diretamente na estrutura da internet, criando-a e recriando-a continuamente. A internet surge na guerra e a marca do controle não está dissociada dela. Aqueles que a criam exercem necessariamente um controle sobre aqueles que simplesmente a utilizam, sem se dar conta do forte conflito que se dá desde as bases físicas até aos seus domínios criptográficos. Se existe uma situação tal que exige essa disposição combatente em um terreno como a internet, o c1borgue deve ser entendido como o ser que possui a habilidade de interferência e operação no domínio da internet.

Uma incongruência surge, então: a necessidade de estar online na rede e entendê-la em sua configuração técnica para que seja possível a resistência contra o controle negador da liberdade. A questão gira em torno de que não basta apenas navegar nos domínios da internet, ou apenas se “balançar na rede” como a maioria faz, pois a internet como divertimento é algo posterior a sua existência como máquina de guerra. Se a liberdade dos indivíduos está em risco, também, na internet e este não é um território tão paradisíaco, tomar conhecimento disso é também tomar posse da própria existência em detrimento das instâncias que a dominam a todo instante, uma atitude afirmativa. Como esclarece Julian Assange:

Eu gostaria de refletir sobre como nós deveríamos apresentar nossas ideias. Meu maior problema, falando como alguém que está cercado pela vigilância do Estado e viu como a indústria de segurança transnacional se desenvolveu ao longo dos últimos vinte anos, é que estou muito familiarizado com esse cenário e

---

<sup>17</sup> ASSANGE, Julian. **Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet**. Tradução de Cristina Yamagami. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. pg. 25. A partir de agora vamos nos referir a esta obra como “Cypherpunks”.

<sup>18</sup> O que Assange nos fala sobre a militarização do ciberespaço: “Atualmente tenho visto uma militarização do ciberespaço, no sentido de uma ocupação militar. Quando nos comunicamos por internet ou telefonia celular, que agora está imbuída na internet, nossas comunicações são interceptadas por organizações militares de inteligência. É como ter um tanque de guerra dentro do quarto. É como ter um soldado entre você e sua mulher enquanto vocês estão trocando mensagens de texto. Todos nós vivemos sob uma lei marcial no que diz respeito às nossas comunicações, só não conseguimos enxergar os tanques – mas eles estão lá. Nesse sentido, a internet que deveria ser um espaço civil, se transformando em um espaço militarizado. Mas ela é um espaço nosso, porque todos nós a utilizamos para nos comunicar uns com os outros, com nossa família, com o núcleo mais íntimo de nossa vida privada. Então, não prática, nossa vida privada entrou em uma zona militarizada. É como ter um soldado embaixo da cama. É uma militarização da vida civil.” Cypherpunks, pg. 53.

não sei como olhar para isso da perspectiva de quem vê de fora. Mas agora o nosso mundo é o mundo de todos, porque todo mundo já jogou seus detalhes mais secretos na internet. Precisamos dar um jeito de transmitir o que aprendemos enquanto ainda é possível.<sup>19</sup>

Assange, perante a enorme força com que a internet nos apresenta, faz um chamado à população mundial para que saiam do conforto de suas redes e aprendam a construí-las, ou dizendo de uma melhor forma, pede para que olhemos para as bases de nossas redes, onde elas estão sustentadas, e, que vejamos as colunas hostis de onde nos balançamos em aparente fluidez. Desse modo:

Criar redes significa articular competências cruzadas, promover hibridismos, fertilizar o devir. Nesse sentido, a dissolução de fronteiras nacionais teria uma positividade apenas – e tão somente – quando acompanhada da manutenção das singularidades locais. Um mundo sem fronteiras não significa um mundo sem diferenças, mas, antes um mundo no qual as diferenças podem comunicar-se livremente entre si, em constantes fluxos e reconfigurações.<sup>20</sup>

Assumir o modo de vida c1borgue, afirmá-lo, é fundamentalmente uma atitude política, que avista não apenas os limites, mas, antes, as possibilidades de vida num mundo que avança para uma distopia do controle e do subjulgamento dos indivíduos.

Algumas perguntas se formam em nós ao longo das reflexões aqui esboçadas sobre o c1borgue. Que vivência o homem experimenta em si mesmo, hoje? Será algo parecido com a que o grego dionisíaco, que querendo “a verdade e a natureza em sua máxima força – ele vê a si mesmo encantado em sátiro”<sup>21</sup>? O descentramento que as forças da contemporaneidade produzem em seu corpo e mente é tal, que não se vê mais como um ser pleno de humanidade, porém como algo híbrido, derretido, reconfigurado, como uma criatura fantástica, algo próximo de um personagem de um filme de ficção científica? Ou ainda: vamos preferir trabalhar como robôs e simular uma vida humana, ou experimentar outras vivências como c1borgues? Podemos, com

---

<sup>19</sup> Cypherpunks, pg. 44.

<sup>20</sup> O explorador de abismos, pg. 22.

<sup>21</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 2007. Pg. 55.

a perspectiva do c1borgue estabelecer outra relação com a ciência e a arte de modo a tornar possível um novo entrelaçamento entre estas áreas e a filosofia e retomar o diálogo, em detrimento das noções filosóficas insuficientes?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva aqui apresentada procurou sugerir, quem sabe seduzir, e talvez até estabelecer um novo modo de olhar para o homem, e criar outros sentidos para uma nova experiência de mundo. Em vista disso tínhamos a limitação dos conceitos mais antigos e buscando alguns autores que possam lançar outra luz sobre o assunto pensar esse assunto inquietante, a saber, o que a figura do ciborgue indica para os nossos tempos e quais essas novas bases existenciais a que o homem se levou e foi levado. E as ciências constituem um papel importantíssimo na mediação das novas formas de interação com o meio a partir das tecnologias e das máquinas.

Pensar como é possível o acoplamento do homem com a máquina – ou seria da máquina com o homem? – dentro dos limites internet no que a máquina e as interfaces dão suporte, não tem o tom finalizador de apresentar um modo de vida integral, ou que esteja finalizado: pelo contrário, como quem vê de fora, olhar para o tipo de vida que surge da união homem-máquina, mas perpassando o olhar para dentro da própria máquina, e não apenas do ponto de vista do homem. Tal ambição nos deixa mais dúvidas que certezas, porém o mais importante foi feito: lançar um olhar, uma perspectiva de direcionamento para que possamos pensar essas relações, e sabendo da importância política que a acompanha.

O c1borgue, como o resolvemos nomear, nos vem à mente acompanhada da tentadora figura do sátiro, não apenas pela sua hibridização, mas também pela ebriedade que evoca, a hesitação, essa monstruosa e sublime figura. Se está em nossos caminhos beber na fonte das antigas mitologias, e se o homem atual e ocidental sempre volta a seu berço grego é no canto das tragédias que o encontramos. Se evocamos o sátiro e pretendemos levá-lo a sério como uma forte figura que encontra seu símile na atualidade, é porque o nosso c1borgue relembra esse ser em seus principais gestos, ou seja, em suas muitas facetas reunidas em um só ser. Para falar e finalizar com Nietzsche:

Assim surge aquela figura fantástica e aparentemente tão escandalosa do sábio e entusiástico sátiro, que é concomitantemente ‘o homem simples’ em contraposição ao deus: imagem e reflexo da natureza em seus impulsos mais fortes, até mesmo símbolo desta e

simultaneamente pregoeiro de sua sabedoria e arte – músico, poeta, dançarino, visionário, em uma só pessoa.<sup>22</sup>

## BIBLIOGRAFIA

ASSANGE, Julian. **Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet**. Tradução de Cristina Yamagami. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2001.

FELINTO, Erick. SANTAELLA, Lucia. **O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo**. 1. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2012.

HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari. TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009

KLOSE, Simon. KÖHNCKE, Anne. PERSSON, Martin. SØRENSEN, S. B. **The Pirate Bay: Away From Keyboard**. [Filme-Documentário-Vídeo]. Produção de Martin Persson, Simon Klose, Signe Byrge Sørensen, Anne Köhncke, direção de Simon Klose. Suécia, 2013. Arquivo em MKV, 82 min. Cor. Som.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 1999

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica**. 7ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

---

<sup>22</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 2007. Pg, 59.

WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade: O uso humano de seres humanos**. 3.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1954